

Os contributos da Linguística Moderna para a constituição da Teoria da Linguagem Semiótica

Paulo Osório
(Universidade da Beira Interior, Portugal)
Iracema Mie Ito
(Ministério da Educação de Brasília, Brasil)

RESUMO: Pretendemos aportar alguns contributos da Linguística Moderna para construção de uma teoria semiótica, reconhecendo-se a existência de uma semiótica social e cultural. Tendo em mente que não é possível estudar a semiótica da narrativa, ligada directamente a combinações verbais, sem solicitar o auxílio da Linguística, advogaremos que a teoria semiótica, tendo como base fundamental de constituição a teoria da significação, assume a tarefa de explicitar as circunstâncias de apreensão e de produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística; Semiótica; Multimodalidade.

1. Teoria da semiótica

A constituição da teoria da linguagem semiótica teve como base essencial as contribuições de Ferdinand de Saussure (1857-1913), principalmente a partir do *Cours de Linguistique General* (1916) e, no campo da Filosofia, no início do século XX, destacaram-se Charles Peirce (1839-1914), Charles Morris (1901-1979), Roland Barthes (1915-1980), Umberto Eco, entre outros. Segundo Oliari (2004), Saussure revolucionou as ideias no âmbito da Linguística, tendo como uma preocupação a natureza dos estudos sobre as estruturas na linguagem, pretendendo construir uma ciência dos signos, capaz de abranger a própria ciência linguística. Lembrando que Saussure foi fortemente influenciado pelo comparativismo indo-europeu durante a sua formação académica, tal facto possibilitou que tivesse concebido a linguagem humana enquanto capacidade que o ser humano possui de comunicar com os seus semelhantes através de signos verbais, considerando, deste modo, a linguagem como responsável por abarcar factores psíquicos, físicos e fisiológicos. Saussure defendia, deste modo, a existência de uma ciência geral dos signos, ou seja, a Semiologia, na qual a Linguística é uma parte desta. Definiu a língua como o conjunto de todas as regras capazes de determinar o emprego de formas, sons e relações sintácticas (elementares no processo de comunicação humana por meio da produção de significados):

Mas, o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1975:17).

Verifica-se, então, que, para Saussure (1975), a língua pode ser criada por um grupo social ao qual o indivíduo pertence, sendo a própria língua um conceito social. Além disso, segundo Viégas (2002), Saussure comparou também a língua a uma espécie de dicionário, no qual, cada indivíduo, ao consultá-lo, escolhe a melhor forma de se comunicar dentro da sua comunidade linguística. Essa comparação de Saussure teve o intuito de demonstrar que essa concepção individual da língua corresponde à fala, tendo o seu fulcro na liberdade de combinações. Segundo ele, há uma dicotomia entre fala e língua, sendo que ambas constituem a essência dos estudos semiológicos. Saussure concebe o signo como uma unidade linguística ligada ao verbal, tendo por estrutura a lógica tradicional (conceitos dualísticos, como: significante/significado, denotação/conotação, paradigma/sintagma, entre outros).

Quanto ao nascimento do termo Semiótica, Charles Peirce foi o responsável por resgatar, na modernidade, o termo “Semiótica” da Filosofia do século XVII, do filósofo e empirista John Locke. Os seus estudos tiveram como preocupação uma doutrina formal dos signos fundamentada na teoria dos signos. Lembrando que a gênese da palavra “Semiótica” é grega (*semeion*), logo Semiótica é sinônimo de “ciência dos signos”, capaz de representar todas as linguagens enquanto fenômeno de criação de significação e de sentido. Peirce vai mais longe do que Saussure ao conceber que os signos vão muito além da perspectiva verbal, estendendo-se para uma concepção do signo como uma tríade complexa:

A semiótica foi fundada na lógica, na filosofia, na teoria do significado tendo como objetivo a concepção do pensamento como um processo de interpretação do signo com base numa relação triática entre signo, objeto e interpretante. A semiótica descreve e analisa os fenômenos da produção da linguagem, que são os mais variados: uma nesga de luz; um teorema

matemático; um lamento de dos; uma idéia abstrata da ciência, enfim, é definido como qualquer coisa que aparece na mente. [...] A originalidade da doutrina peircena reside na própria definição do signo, inseparável do conceito de semiosis, uma relação entre três termos, de tal sorte que em nenhum momento tal relação triática possa ser resolvida por meio de uma relação bilateral (Viégas, 2002:80).

Em suma, o termo Semiótica que fora utilizado no âmbito filosófico, por volta do século XVII por Locke, era entendido como o estudo dos signos em geral. Esse mesmo termo foi retomado por Peirce no início do século XX, aprofundando, substancialmente, o conceito. Paralelamente aos trabalhos de Peirce nos Estados Unidos, na Europa desse mesmo período, Saussure repensa a definição desse termo, delimitando-o como “Semiologia”, limitando essa referência ao campo da Linguística. Nesse contexto, enquanto Peirce fundava essa ciência dos signos, Saussure estava somente preocupado com a necessidade da sua existência, pelo facto das suas preocupações estarem direccionadas para a constituição de uma ciência da linguagem verbal. Neste sentido, Morris pretendeu continuar os trabalhos de Peirce. Todavia, acrescentou em *Foundations of the theory of signs* três dimensões semióticas importantes, como: dimensão sintáctica; semântica e pragmática. A dimensão sintáctica é constituída por relações formais entre os signos e a sua equivalência com outros; a semântica comporta relações entre os signos e os objectos (seu significado) e a dimensão pragmática preocupa-se com as relações formais entre os signos e os seus utentes (Morris, 1976:10-11).

Num segundo momento, Roland Barthes retomou, por volta de 1957, a noção saussureana de Semiologia e discordou dela em alguns pontos, introduzindo, assim, novos conceitos de signo linguístico e de língua, modificando a própria noção de Semiologia. Por outro lado, Barthes vê o signo, exclusivamente, do ponto de vista da significação, dilatando, dessa forma, a noção de signo e de língua a tudo o que significa. Com isso, a Semiologia preconizada por Saussure é uma Semiologia da comunicação e a de Barthes consiste numa Semiologia da significação (Barthes, 1988).

Também é importante sublinhar o pensamento de Eco, definindo a Semiótica como um processo de investigação que pesquisa e estuda todos os acontecimentos e processos culturais sob a óptica da comunicação. Para Eco, a Semiótica está relacionada com tudo o que pode ser considerado signo, sendo a Semiótica a disciplina que estuda tudo o que pode ser usado com o objectivo de representar. Alicerça a sua teoria em três

critérios: o cultural (uma semiótica natural capaz de considerar os signos na sua natureza); o critério do potencial intencional (mensagens intencionais) e o critério comunicativo (conjectura uma mensagem codificada num código convencionado entre os intervenientes de uma dada cultura). Verifica-se com isso que, a concepção de Semiótica em Umberto Eco está permeada do conceito de código e cultura, consistindo no estudo dos códigos (estudo sónico da cultura): para Eco não existe distinção entre Semiótica e Semiótica da cultura, uma vez que são todos fenómenos culturais. Considerando o pensamento de Courtés e Greimas sobre a concepção de Semiótica, podemos dizer que esta não se reduz somente à descrição da comunicação, enquanto transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor, mas deve, também, dar conta de um processo mais geral, o da significação. Assim, se considerarmos a Semiótica como uma 'transcodificação', ela deve determinar os níveis de análise em que pretende situar-se. Greimas foi pioneiro em negar os signos enquanto objecto principal da Semiótica. É uma Semiologia saussureana, tida como a teoria geral dos signos linguísticos e não linguísticos, que Greimas considera ultrapassada.

A teoria semiótica tem, assim, a tarefa de explicitar, sob forma de construção conceptual, as circunstâncias de apreensão e da produção de sentido.

2. Teoria da semiótica social

A semiótica social está intimamente ligada à acção social, contexto e uso, sendo a mensagem a sua existência concreta. A mensagem possui uma origem, um objectivo, um propósito, dentro de um contexto social, estando direccionada ao processo semiótico (processo social no qual o significado é constituído e trocado no campo semiótico) e tratando sempre de algo que é externo, derivando o seu significado, deste modo, da função representativa ou mimética que exerce no âmbito da *mimesis*. Assim, o novo ponto de vista semiótico para o texto, de acordo com Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (2000), centra-se na pesquisa sistemática da semiose humana, aplicada em dado grupo cultural, incluindo neste todos os elementos e recursos possíveis para a comunicação. Estando a análise do discurso centrada no texto linguisticamente construído, o enfoque multimodal pretende ir além desse grau de estudo, entendendo as distintas formas de representação que são introduzidas no texto com a mesma exactidão que a análise do discurso atribui à análise do texto linguístico. A intenção, nessa nova

visão, precisa ir além da análise semiótica convencional, centrando-se na textualidade, nas raízes sociais, na construção do texto e na sua leitura: *Semiótica Social*.

Segundo Descardecí (2002), as perspectivas desenvolvidas no campo da Semiologia Social, na tentativa de abarcarem distintas formas de representação no âmbito linguístico,

A palavra escrita, enquanto originária de um sistema de sinais, é apenas parte da mensagem composta, quando atualizada em um processo de comunicação. Juntamente como ela, outros elementos, advindos de outros sistemas simbólicos, compõem o corpo da mensagem como um todo DESCARDECI (2002:20).

Considerando os fenômenos ligados a uma História Social da Linguagem, podemos dizer que

O nosso século é tanto o do átomo e o do cosmos como o da linguagem. Rádio, televisão, cinema, jornais diários com tiragens de milhões de exemplares, livros de bolso, relatórios econômicos, políticos e sociais, documentos internacionais, conferências – os verbos falar, ler e escrever são conjugados em todas as pessoas e em todos os tempos, de manhã à noite e em todos os países do mundo, a um ritmo que nunca se tinha conhecido e que não se podia imaginar há uns cinquenta anos. E a estas linguagens sobrepõem-se todas as outras, não menos ricas, do gesto e da imagem, pois não é necessário ter estudado a semiologia para compreender que uma banda desenhada, um quadro abstracto, um painel com um sentido interdito, um filme mudo ou uma dança são práticas “de linguagem” – segundo o eloquente neologismo dos lingüistas contemporâneos - tal como lengalengas do nosso vizinho ou os editoriais do nosso jornal. O homem moderno está mergulhado na linguagem, vive na fala, é assaltado por milhares de signos, a ponto de já quase só ter uma existência de emissor e de receptor (KRISTEVA, 1969:9).

Assim, o ritmo acelerado das inovações tecnológicas pós-modernas tendeu a alterar substancialmente a linguagem em toda a sua configuração geral. Kress (1996) expõe que essas mudanças foram geradas principalmente no âmbito dos mais variados meios de comunicação social, atingindo um nível global de circulação de informações. Tudo isso possibilitou que a linguagem humana se adaptasse a tais mudanças, principalmente por meio de técnicas e métodos que englobassem os mais diversos modos, capazes de facilitar a compreensão do indivíduo numa velocidade crescente, a fim de acompanhar o ritmo, também crescente, da disseminação de informações. É

perante este facto que emerge a criação de novas teorias e metodologias de teor multimodal.

Descardecí (2002), ao estudar as teorias multimodais de Kress e van Leeuwen (1996), expõe que qualquer tipo de texto escrito é multimodal, integrando mais do que uma forma de representação, pois

em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (layout) a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação, etc. interferem na mensagem a ser comunicada (DESCARDECÍ, 2002:20-21).

É possível, pois, afirmarmos que não há código ou sinal que possa ser compreendido isoladamente, complementando-se mutuamente na construção da mensagem. Quando há o emprego de determinadas formas de representação em detrimento de outras, é importante compreender que isso depende do uso que se pretende fazer das mesmas no processo informacional. Lembrando que a principal abordagem da Semiótica Social é a concepção da comunicação multimodal que engloba uma estreita conexão entre os modos de comunicação e as peculiaridades das situações sociais onde se registam, destacam-se três factores nesse processo: os modos de comunicação enquanto formas de organização de meios de comunicação “em sistemas de significação de forma a articular sentidos característicos das exigências sociais de diferentes comunidades” (Kress *et al.*, 2001:43). Segundo o pensamento de tais autores, os modos constituem a sua própria forma de sentidos que são percebidos de formas distintas, de acordo com os diferentes grupos de leitores. Kress *et al.* (2001:44) concorda com o pensamento de Halliday (1985) que concebe as interações verbais com outros indivíduos, enquanto “redes de opções (ou conjuntos de alternativas semióticas) que são realizadas por meio de conjuntos de opções do sistema semântico”.

É importante mencionar que em todos os campos da vida em sociedade existe uma utilização de textos multimodais na construção de significados. Esses textos multimodais, para Kress e van Leeuwen (1996:183), possuem significados de acordo com o emprego de vários códigos semióticos. Quanto aos elementos visuais (imagens), esses precisam ser mais valorizados como um meio de comunicação tal qual o texto verbal, principalmente no âmbito do ensino da língua estrangeira. A carência dessa valorização gera o que Kress e van Leeuwen (1996) especificam como *iletrados visuais*. Desse modo, Kress e van Leeuwen (*ibidem*) propõem uma mudança nos conceitos de

valorização dos textos visuais e dos seus elementos, partindo do significado de uma estrutura de análise crítica. Salientemos que Kress e Leeuwen são os principais responsáveis pela introdução da noção de multimodalidade nos paradigmas de representação de uma mensagem, considerando as distintas formas de representação, no campo da Linguística, dependente dos constructos sociais. Propõem distintos paradigmas de representação de um texto não-verbal, por meio da gramática do *design visual*. Considerando que cada estilo de texto verbal integrado pelo não verbal possui diferentes formas de representar o mundo, a realidade social, com uma fundamentação ideacional, fornece informações de estruturas de representação básicas de representação narrativa e representação conceitual.

Em suma, podemos afirmar que a modalização tem o papel de manifestar a disposição do enunciador em relação àquilo que diz. Assim, as modalidades podem ser definidas como atributos que determinam outros atributos. Considerando que o registo das modalidades nas línguas naturais é, por vezes, obscuro, é necessário utilizar um método hipotético-dedutivo, a fim de instituir as modalidades de base que são constituídas por procedimentos dedutivos, nomeadamente pelo recurso aos lexemas modais das línguas naturais na tessitura discursiva.

Referências bibliográficas:

- BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- COURTÈS, J. **Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- DESCARDECI, M. **Ler o mundo: um olhar através da Semiótica Social**. In: Educação Temática Digital. Campinas, V.3, n.2, 2002, pp. 19-26.
- ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. HANSAN **Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- KRESS, G. R. & VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse the Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Edward Arnold, 2001.
- KRESS, G., LEITE-GAREIA, R. e van LEEUWEN, T. **Introduction Multidisciplinar**. Compilado por Teun van Dijk. Espanha: Gedisa Editoria, 2000.
- KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. São Paulo: Ed. 70, 1969.
- MORRIS, C. **Fundamentos da teoria dos signos**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1976.
- OLIARI, D. - «**A Semiótica: a base para a linguagem visual**». In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 27. 2004. São Paulo: Intercom, CD-ROM.

SAUSSURRE, F. - **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de A. Chelín, J. P. Paes e J. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1987.

VIÉGAS, R. - **Linguagem: pontos e contrapontos da Semiologia e da Semiótica**. In: *Revista Álvares Penteado*. São Paulo: FECAP- Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. Vol. 4. n. 9, 2002.